

# A ESCOLA DO FUTURO<sup>1</sup>

Luciano de Sousa Cunha  
Marco Antônio Amaral Chequer

Skinner (1914-1990) foi um professor e pesquisou métodos de ensinar, sendo um crítico dos métodos usados nas escolas norte-americanas. Segundo Bernardes (2000), suas observações continuam pertinentes e atuais para analisar alguns aspectos dos métodos de ensino usados nas escolas brasileiras, e suas propostas de atuação educacional podem contribuir para uma discussão no momento atual da educação nacional. É importante ressaltar que esse texto não tem a intenção de transformar a escola numa clínica de psicologia, mas discutir alternativas para a atuação de professores numa perspectiva da análise do comportamento.

Skinner (1987) observa que, no geral, todas as reformas propostas para a educação, começam com retóricas sobre a necessidade de mudanças e, quando avançam, sugerem aumentar o período do ano letivo, ou até mesmo os conteúdos a serem aprendidos, e uma prova disso foi a promulgação da nova lei de diretrizes e bases da Educação Nacional (1995).

Numa análise “Skinneriana”, poderíamos observar uma curiosa omissão nas sugestões para melhorar a educação: elas falam pouco sobre métodos de ensino. Diz Skinner: “Há uma conspiração em silêncio sobre o ensinar como habilidade. Pedagogia é uma palavra feia” (1987, p. 114). Pouco tem se falado em mudar o ensino como tal. A pedagogia não examina os processos básicos da aprendizagem e do ensino. Skinner diz que essas dificuldades surgem porque não estamos atentos para os princípios básicos da Análise do Comportamento no contexto educacional:

- O que os professores estão fazendo e porque o estão fazendo assim;
- O que e porque os alunos aprendem quando os professores ensinam como ensinam.

Várias hipóteses surgem quando nos atemos a verificar onde estão os problemas, do ponto de vista da Análise do Comportamento:

- As escolas de hoje não preparam o aluno para a vida. Ela ensina conceitos, mas não ensina como usá-los. São ensinados conteúdos importantes, mas que só terão alguma utilidade para o aluno após vários anos, não havendo um pareamento entre o conteúdo ensinado e a prática a qual ele será destinado, prevalecendo o comportamento governado por regras, ao invés do comportamento mantido por contingências.
- Outra questão importante é o uso de técnicas aversivas. Por muitos anos a escola adotou o castigo físico como método de coerção ao aluno, para que este pudesse aprender sem atrapalhar o trabalho do professor. Hoje, esse castigo é inserido de uma forma mais aceitável, através da ridicularização, da crítica e do encarceramento. Ou seja, muda a topografia, não a função.
- Outros tipos de técnicas coercitivas utilizadas são as tarefas por notas, ou a obrigatoriedade em participar de matérias que o aluno não se sente inclinado.

Isso pode fazer com que o aluno chegue atrasado, não fique quieto, não preste atenção nas aulas. Há um aumento na frequência de comportamentos de fuga ou esquiva.

---

<sup>1</sup> Título do texto publicado por B.F. Skinner em 1989.

Segundo Skinner: “O cansaço mental geralmente não é um estado de exaustão, mas uma disposição incontrolável para escapar”. (1968, p.93). E essa topografia também pode mudar, o aluno pode não emitir comportamento de fuga ou esquiva, mas pode partir para agressões com palavras ou gestos.

Bernardes (2000) conta que o uso de controle aversivo acontece quando o professor não aprendeu alternativas para ações dentro de sala de aula. Isso faz com que o professor mantenha o controle aversivo para não perder o domínio da turma. Isso pode explicar porque vários professores não concordam com a abolição da “bomba”, assim, eles perderiam o seu poder de controle sobre os alunos.

Para Skinner: Ensinar é comportamento aprendido e não uma “arte intuitiva”, e que “os professores precisam aprender como ensinar e que eles devem ser ensinados por escolas de educação. Eles precisam aprender maneiras mais efetivas de ensinar.” (1987, p. 121) “Dê a estudantes e a professores boas razões para aprender e para ensinar. É aí que uma ciência do comportamento pode dar sua contribuição. Ela pode desenvolver práticas de instrução tão efetivas e tão atrativas que estudantes, professores e administradores estarão livres do uso de técnicas aversivas do comportamento.” (1987, p. 129)

Bernardes (2000), enumera algumas sugestões que podem então ser utilizadas por professores:

- Tenha claro o que você quer ensinar, só assim você poderá acompanhar a aprendizagem dos seus alunos, mesmo que numa turma de 60 alunos.
- Ensine as coisas mais fáceis primeiro.
- Cada estudante tem seu ritmo. Você **não** deve compará-los.
- Programe seu material. Os alunos não fazem só sua matéria, programe textos menores e mais práticos.

Bernardes (2000) também enumera algumas sugestões que ela diz utilizar dentro da sala de aula e que segundo ela, tem trazido bons resultados:

- Fique 100% do tempo atento à condição motivacional de seus alunos.
- Estimule positivamente o comportamento deles, ficando mais atento aos acertos do que aos erros.
- Informe-os sobre a possibilidade de fazer diferente o que estão fazendo. Comportamentos são produtos de contingências. Seja um modelo de pessoa e com um repertório flexível e maleável.
- Mostre como eles podem usar o que aprenderam na sua disciplina para conseguir uma qualidade de vida melhor para si mesmos, para a sala e outros ambientes.

Para Skinner “os jovens são o recurso natural mais importante de uma nação, e o desenvolvimento desse recurso é tributado à educação. Cada um de nós nasce precisando aprender o que os outros aprenderam antes de nós e muito disso precisa ser ensinado. Nós todos poderíamos ser melhores se a educação desempenhasse uma parte mais importante na transmissão da cultura” (1987, p.130). Ou seja: “Ensinar é simplesmente arranjar contingências de reforçamento.” (1968)

É difícil dizer como será a escola do futuro. Zanotto (2000) diz que provavelmente a história da educação continuará sofrendo pequenos ajustamentos, o que nos deixa a certeza de que a escola será um lugar bem diferente de tudo que já se viu. A intenção da psicologia é transformar a escola num lugar agradável, onde os alunos possam aprender a conhecer o mundo que o cerca e criar novas possibilidades de interação, não para aprender a esquivar de punições do passado.

Segundo Skinner (1989), os estudantes passarão mais tempo na escola, que ensinará muito mais coisas com o mesmo tempo e a instrução excederá os limites do crescimento pessoal. A instrução programada permitirá aos estudantes escolher dentre muitos campos, porque os currículos já não serão restritos à competência dos professores disponíveis. Estudantes brilhantes serão muito mais capazes de se engajar em certos campos do que hoje, porque os programas estarão disponíveis. Os estudantes serão livres para se orientarem para assuntos particularmente interessantes e em si mesmos reforçadores.

Skinner (1989) também defende a idéia de que os professores terão mais tempo para falarem com seus alunos. Eles funcionarão como conselheiros, provavelmente permanecendo em contato com determinados estudantes por mais de um ano e tendo a oportunidade de conhecê-los melhor. Os professores deverão ser mais capazes de ajudar os estudantes a escolher campos de interesse. Ao invés de ensinar indivíduos, inefetivamente, sob as condições correntes, eles terão a satisfação de fazer parte de um sistema que ensina habilidades de forma direta e com acompanhamento ponto a ponto. Zanotto (2000) insere uma série de questões sobre a possibilidade dessas mudanças, como por exemplo: Será um luxo uma escola semelhante a essa? Uma espécie de Walden Two<sup>2</sup> educacional? A questão é se podemos nos dar o luxo de continuar com a escola que praticamos hoje. A longo prazo, as escolas economizarão muito dinheiro, e o governo não precisará gastar tanto por nossas escolas serem tão ruins. Diminuirá a necessidade de outras formas de controle social para corrigir comportamentos indesejáveis pela sociedade. O governo terá mais responsabilidade já que os cidadãos serão mais sábios e responsáveis. As indústrias terão pessoas muito mais habilidosas. A vida será melhor para todos, e pessoas bem informadas assumirão maior responsabilidade para com o futuro do grupo a qual estão inseridos.

A escola do futuro não é um sonho. Comece pelas contingências que você tem acesso e as consequências virão naturalmente. A visão, do governo, dos administradores, dos professores e dos pais precisa ser publicamente discutida, o que momentaneamente se tornará perturbador e dispendioso.

“Aprender não precisa ser difícil”.

### **Referências bibliográficas:**

- BERNARDES, Sandra Maria. *Algumas das coisas que B. F. Skinner pode dizer a professores e estudantes de Psicologia interessados em educação*. In: Ciência e Comportamento Humano. Vol 1. Santo André: EsETEC, 2000.
- SKINNER, B. F. *Tecnologia do Ensino*. São Paulo: E.P.U, 1968.
- SKINNER, B. F. *Upon Further Reflections*. New Jersey: Prentice Hall, Inc., 1987.
- SKINNER, B. F. *Recent Issues in analysis of behavior*. Columbus, Ohio: Merrill Publishing Company, 1989.
- ZANOTTO, Maria de Lourdes Bara. *Formação de Professores: a contribuição da análise do comportamento*. São Paulo: educ, 2000.

---

<sup>2</sup> Romance publicado por B.F. Skinner em 1976, que fala sobre uma sociedade do futuro.